



Fala Egbé

Informativo dirigido às Comunidades de Terreiros de Candomblé • nº 15 • ano VI • Abril de 2008

21 de janeiro, fevereiro e todos os meses... Liberdade religiosa!

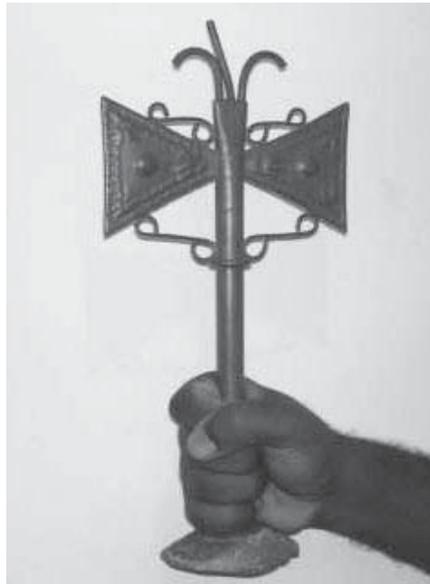
Nesse primeiro semestre de 2008 temos muito que comemorar com a lei federal do Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, o 21 de janeiro, conquistada pelas mobilizações que começaram na Bahia... A partir do sofrimento e morte de uma mãe de santo, Mãe Gilda do Terreiro Abassá de Ogun, e do luto e da luta incansável de sua filha Mãe Jaciara Ribeiro. Ela e seu Terreiro não se enterraram no ressentimento e no silêncio, ao contrário buscaram como tantos outros no Brasil ocupar o espaço que têm em seu bairro, dedicando-se a oficinas que prestassem serviço a todas as pessoas independente de seu credo ou qualquer outra identidade.

Ainda há um passo a dar para selar a vitória do bom senso e da fraternidade, da liberdade e do respeito ao sagrado, da vontade de ver gente feliz, isolando a intolerância e o medo da diferença do contágio perverso que promovem entre o povo das periferias do País. Neste ano espera-se que ocorra o julgamento do caso “Mãe Gilda” em última instância, no Superior Tribunal Federal, consagrando a lucidez e a justiça com que o caso foi julgado em instâncias anteriores. É hora de mobilizar de novo! Para o que se podem obter informações nessa edição na página 4.

A liberdade merece! E obter ganho de causa em 2008 seria carimbar com um símbolo de alento para as gerações futuras a boa herança da liberdade religiosa, depois de 120 anos da Lei Áurea e de 20 anos da Constituinte Cidadã!

Pois a juventude vem aí, com sede de desfrutar de suas múltiplas identidades, suas diversas caras felizes; negras, de

candomblé, de mulheres e de homens que são, legítimos portadores de esperanças e de idéias próprias, capazes de ensinar com suas novidades e de aprender com a experiência... Nada melhor que começar com uma boa lembrança, que desejamos seja da vitória definitiva do “caso Mãe Gilda” na Justiça.



A liberdade religiosa clama por Justiça todos os dias!

De nossa parte, como KOINONIA, seguimos confiantes de que nosso apoio ao fortalecimento dos movimentos sociais deve conduzir a mudanças consistentes, ainda que lentas, com o gostinho da afirmação da liberdade e da fraternidade contra toda forma de intolerância. E nada mais é que intolerância a insistência dos poderes públicos em desconsiderar a existência dos templos religiosos de matriz africana em igual dignidade e status que qualquer religião. Assim como o descaso e lentidão com que são tratadas as Comunidades de Terreiros na implementação de políticas públicas de saneamento, de saúde, de urbanização e de desenvolvimento em geral.

Desde a criação da Política Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais (Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007) desafios e conquistas têm surgido. As Comunidades de Terreiros de Candomblé estão contadas entre as Comunidades Tradicionais, assim como as Comunidades Quilombolas, mas muito há que se percorrer. Exemplo positivo foram os passos dados pela Superintendência de Recursos Hídricos da Bahia (parte da Secretaria Estadual de Meio Ambiente) que incluiu os Terreiros e os Quilombos, Comunidades Negras Tradicionais, em sua formulação de propostas políticas. Cabe às comissões criadas monitorar e fiscalizar a implementação dessas políticas na Bahia.

Chegar a um desenvolvimento sem preconceitos e intolerâncias, com liberdade e oportunidades igualitárias para mulheres e homens negros, religiosos e sem religião é um desafio dos bons e um convite à participação! Vamos em frente!

Caso Mãe Gilda – julgamento próximo

pág. 4

Capacitação e geração de resultados positivos

págs. 8 e 9

Terreiro Vintém de Prata

pág. 10

Ações do Programa	
Necessidades dos Terreiros	Caminhos
Garantia de posse e propriedade de terra	Formação de associação civil Registro no CNPJ Processos de Usucapião
Reconhecimento de direitos públicos	Elaboração de laudos antropológicos Elaboração de laudos etnoecológicos Processo de imunidade de IPTU
Garantia territorial e melhoria ambiental	Elaboração de levantamentos planialtimétricos Elaboração de projetos paisagísticos
Superação do preconceito e da intolerância religiosa	Ações contra o preconceito e a intolerância religiosa Realização de reflexões e encontros de diálogos que auxiliem as ações contra o preconceito (temas)
Projetos sociais e econômicos	Trabalho voluntário Oficinas: bordado; saúde da mulher; direitos de comunidades Outras oficinas

Jovens de Terreiros querem reunir-se em Rede

KOINONIA tem facilitado a que jovens de diferentes Terreiros de Candomblé a comecem um processo de encontros para se articularem como uma rede. O objetivo dessa rede seria criar uma articulação de jovens pela garantia de direitos da juventude. Os jovens de Terreiros terão a oportunidade de unir-se a uma rede de juventudes ecumênica com os mesmos objetivos, que está sendo estimulada em todo o Brasil e que pretende organizar Jornadas Ecumênicas em diversas regiões do País. A iniciativa do jovens de Candomblé começou em novembro do ano passado e terá continuidade esse ano a partir do dia 6 de abril no Terreiro Vintém de Prata, buscando inicialmente o diálogo e a convivência, por meio de encontros em diferentes Terreiros de Salvador.

A própria mobilização dos jovens de Candomblé é que definirá os rumos que essa rede deve ter e as conexões que fará com organizações que buscam representar os anseios do povo de santo. Esperamos e temos contribuído para que esta iniciativa tenha a mais ampla cobertura e apoio dos Terreiros.



Encontro de Jovens do Candomblé, 25 de novembro de 2007

ASSOCIAÇÃO CIVIL

Dando continuidade ao trabalho de registro de associações civis dos Terreiros como forma de garantia de direitos e promoção de desenvolvimento, KOINONIA presta assessoria na elaboração de estatutos e atas, acompanhando todo o processo cartorário de registro.

Esse trabalho já resultou no registro de dezenas de associações de Terreiros de Candomblé, que agora querem fazer valer seus direitos nas diversas esferas da vida civil.

Acompanhando esses Terreiros, no período de novembro de 2007 a março de 2008, solicitaram apoio para o registro de sua associação: Ilê Axé Ijobá Oxumarê-Yewá, localizado na cidade de Itabuna, Terreiro Mina de Ouro, na cidade de Castro Alves; Ilê Axé Odé G'mim, em Lauro de Freitas e Ilê Axé Tobomim e Ilê Axé Odé Lomin Infan, no município de Camaçari. Nesse mesmo período concluíram seus registros: Terreiro Viva Deus Bisneto, Ilê Asé Alafumbí, Terreiro Olufanjá e Terreiro Moitumbá Junçara.

CNPJ

Após o registro da associação é obrigatória a inscrição no Cadastro de Pessoas Jurídicas – o CNPJ. Assim, realizaram o cadastramento os terreiros: Ilê Asé Alafumbí, Terreiro Oxossi Mutalambô e Terreiro Viva Deus Bisneto.

**NÃO ESQUEÇA!
A Declaração de Isento de Imposto de Renda deverá ser feita no período de maio a junho.**

RAIS

Conforme informação do Fala Egbé 14, a declaração da RAIS teve seu prazo de entrega encerrado em 28 de março. Foram declaradas as RAIS NEGATIVAS dos seguintes Terreiros: Ilê Axé Taoyá Loni; Ilê Axé Jfokan; Ilê Axé Pondamin Bominfá; Ilê Axé Obá Adê Nilá; Ilê Axé Obá Tony; Ilê Nijó Omin; Ilê Omin Lonan; Ilê Axé Osun Yinká; Ilê Axé Oxumarê; Terreiro Tubenci; Terreiro Manso Dandalungua Cocuazenza; Terreiro Tuumba Junçara; Terreiro

Vodunzo; Ilê Axé Abassá de Ogum; Ñzó Sasaganzúá Mono Guiamaze; Ilê Axé Obá Nirê; Ilê Axé Odé Tola; Terreiro São Roque; Ilê Axé Olo Omin; Terreiro de Jauá; Ilê Axé Kalé Bokun; Ilê Axé Omin Nijá; Ilê Axé Omin Funkó; Terreiro Viva Deus Filho; Ilê Axé Jifulú; Unzó Tateto Lemba; Ilê Axé Oba Tadê Patiti Oba; Unzó Gunzo de Mametu Kaiongo; Ilê Axé Ogum Ominkayê; Ilê Axé Idanjuê; Terreiro Viva Deus Bisneto; Ilê Axé Omin Arin Massun; Centro do Caboclo Itapoã; Ilê Asé Oyó Bomin; Ilê Axé Omin Lessy; Casa Branca; Unzó Bakisê Sasaganzúá Gongará Kaiango; Ilê Axé Olufan Anancidê Omim; Ilê Axé Gezubum Santa Cruz; Terreiro Oxossi Talami; Ilê Axé Ibá Aqueran; Ilê Axé Oyá.

PROCESSOS JURÍDICO-ADMINISTRATIVOS

- O Ilê Axé Oyá solicitou apoio para acompanhamento de processo relativo ao reconhecimento de imunidade tributária, pois após solicitação formulada pelo próprio Terreiro, o processo administrativo nº003253/2005, do Município de Lauro de Freitas, foi arquivado.
- Ilê Axé Oyá Olorum, tendo parte de território ameaçado, solicitou apoio e acompanhamento do processo judicial nº3305/2008, em

que familiares da Yalorixá da Casa pretendem ver reconhecidos os direitos à posse e propriedade. I Caso Mãe Gilda: Será julgado pelo Superior Tribunal de Justiça, ainda neste semestre, o caso Mãe Gilda, processo de Mãe Jaciara, do Terreiro Ilê Abassá de Ogum, contra a Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd). Saiba mais na página 4.

Contra-senso

Menos de 0,5% da população de Salvador é adapta de religiões de matriz africana. Esta é a conclusão do Censo 2000. Segundo matéria de Pablo Reis, o último censo contabiliza 11.959 adeptos de religiões de origem africana na cidade (0,48% da população). Confrontado esse número com os Terreiros apontados pelo mapeamento feito pela prefeitura em 2007 (1.165), teríamos 10 religiosos para cada Casa, um número evidentemente irreal. Numa lista de cidades com maior incidência de adeptos do Candomblé, Salvador não aparece sequer entre os 50 primeiros. Fonte: Correio da Bahia, 08/03/2008.

Caso Mãe Gilda – julgamento próximo

Será julgado pelo Superior Tribunal de Justiça, ainda neste semestre, o caso Mãe Gilda, processo de Mãe Jaciara, do Terreiro Ilê Abassá de Ogum, contra a Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd). A ação se tornou símbolo da luta contra a intolerância religiosa no País e estimulou a criação do Dia Nacional contra a Intolerância Religiosa, 21 de janeiro. KOINONIA, entidade que assessora o caso, solicita que todos os Terreiros e interessados na luta pela liberdade religiosa enviem a carta ao lado para o Juiz Massami Uyeda, responsável pelo julgamento do caso no Superior Tribunal de Justiça, para que ele decida a favor da família de Mãe Gilda.

RELEMBRE O CASO DE MÃE GILDA

No ano de 1999, Mãe Gilda, então Ialorixá do Terreiro Ilê Axé Abassá de Ogum, localizado em Salvador, faleceu. A Mãe de Santo tinha a saúde fragilizada e piorou após o choque de ver sua foto publicada no jornal da Igreja Universal do Reino de Deus relacionada a uma reportagem sobre charlatanismo. O título dizia: “Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes”. A foto do jornal da Iurd foi tirada em 1992 quando Mãe Gilda participava de manifestações em favor do *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello.

Logo após a morte da mãe, sua filha e atual Ialorixá da casa, Jaciara Ribeiro dos Santos, moveu uma ação contra a Iurd, por danos morais e uso indevido da imagem de Mãe Gilda. Procurados por Jaciara, os advogados de KOINONIA (Convênio AATR-BA) passaram a representar a família na ação, por meio da assessoria do Programa Egbé Territórios Negros. A família de Mãe Gilda foi vitoriosa em 1ª e 2ª instâncias, mas a Iurd recorreu e o processo será julgado no Superior Tribunal de Justiça.

Reproduza e envie carta modelo ao lado para:

Superior Tribunal de Justiça

Gabinete do Ministro Massami Uyeda (End: Quadra 6, lote 01, trecho 3, CEP: 70095-900 - Brasília - DF, ou pelo Fax: (61) 3319-7427).

CARTA AO JUIZ MASSAMI UYEDA

Salvador, 5 de abril de 2008

Exmo. Sr. Massami Uyeda - Superior Tribunal de Justiça Brasília (DF)

Meritíssimo Juiz,

A associação abaixo assinada toma a liberdade de se dirigir a V. Exa. com o objetivo de solicitar que, no julgamento do Caso Mãe Gilda (Recurso Especial, processo nº 913131 -Ba), que por seu interesse público, deverá ser julgado ainda neste semestre, neste tribunal, V. Exa. decida a favor de Jaciara dos Santos, filha de Mãe Gilda.

Em 21 de janeiro de 2001 morreu a Mãe Gilda, mãe de Santo do Terreiro de Candomblé Ilê Axé Abassá de Ogum, em Salvador. A Mãe de Santo teve seu estado de saúde deteriorado após ofensas sofridas pela Igreja Universal do Reino de Deus. A família de Mãe Gilda processou a igreja e foi vitoriosa em 1ª e 2ª instâncias, mas com recurso da Iurd o processo chegou ao Superior Tribunal de Justiça.

Meritíssimo Juiz justificamos nossa solicitação afirmando que a causa de Mãe Gilda é de interesse público, da comunidade do povo de Candomblé e de todas aquelas e aqueles que prezam pela liberdade religiosa neste País. O caso de Mãe Gilda foi um ato inquestionável de Intolerância Religiosa e estimulou recentemente a criação da Lei Federal (LEI Nº - 11.635) que instituiu o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, celebrado no dia 21 de janeiro, dia da morte da religiosa. Atos de intolerância religiosa ocorrem frequentemente no País, assim uma sentença a favor de Mãe Jaciara reafirmaria a democracia e a Constituição Federal que garante no artigo 5º, inciso VI, que: “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de cultos e liturgia”.

Assinatura

Nome e CNPJ da entidade que assina.

Todo dia deveria ser 21 de janeiro

No dia 27 de dezembro, o Diário Oficial publicou a lei que decreta o dia 21 de janeiro como Dia Nacional contra a Intolerância Religiosa. Estrearemos nesta edição esta nova coluna que trará notas sobre casos de intolerância religiosa que infelizmente são recorrentes no País.

DEMOLIÇÃO DE TERREIRO

No dia 27 de fevereiro parte do Terreiro Oyá Unipó Neto, localizado no bairro do Imbuí, em Salvador, foi demolido pela Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo (Sucom). A demolição aconteceu sem que fosse apresentada documentação oficial ou permitida a retirada de objetos pessoais e sagrados do templo. O ato provocou indignação e gerou inúmeras manifestações em Salvador. Marcos Rezende, de 33 anos, conselheiro da Secretaria Nacional de Direitos Humanos, fez cinco dias de greve de fome como protesto até o caso ser solucionado. Dias depois da demolição, a superintendente da pasta, Kátia Karmelo, foi exonerada, o prefeito de Salvador, João Henrique Carneiro, pediu desculpas, e o Terreiro está sendo reconstruído. Para a mãe de santo do Terreiro, Rosalice do Amor Divino, conhecida como Mãe Rosa, a ação foi conseqüência da especulação imobiliária.

Oficinas, seminários e parcerias

CAPACITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

No dia 29 de janeiro, os 15 Terreiros participantes do projeto “Capacitação e Apoio ao desenvolvimento das Comunidades Negras tradicionais do Brasil” foram convocados para uma reunião de planejamento.

Estiveram presentes representantes do Terreiro da Casa Branca, Obá Tony, Tuumba Junçara, Osun Yinká, Kalé Bokun, Viva Deus Bisneto, Vintém de Prata e do Intecab (Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira).

Os próximos Terreiros e respectivas oficinas já programadas são Kalé Bokun - Dança/atabaque e bordado; Osun Yinká - corte/costura e bordado; Viva Deus Bisneto - bordado; Tuumba Junçara - Toque de Ngoma e Silk Screen.

O projeto “Capacitação e Apoio ao desenvolvimento das Comunidades Negras tradicionais do Brasil” teve início em 2007 e é co-financiado pela União Européia, Christian Aid e EED.

Vídeos de KOINONIA

No site de KOINONIA há vídeos sobre as oficinas do projeto “Capacitação e apoio ao desenvolvimento de Comunidades Negras Tradicionais no Brasil”, promovidas em diversos Terreiros de Candomblé, em Salvador. Esse projeto é realizado por KOINONIA e co-financiado pela União Européia, Christian Aid e EED.

Visite a seção vídeos do site de KOINONIA e confira:

www.koinonia.org.br

EGBÉ NO BAIXO SUL

Em 13 de fevereiro, o programa Egbé Territórios Negros esteve na região do Baixo Sul da Bahia: Em Camamu, a equipe realizou uma reunião de planejamento com o Sasop (Serviço de Assessoria às Organizações Populares Rurais) e o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Camamu.

A avaliação das ações iniciadas em 2007 foi positiva; as entidades locais consideram que as atividades desenvolvidas por KOINONIA geraram grande expectativa junto às comunidades negras rurais e remanescentes de quilombo. O tema direito territorial é uma das demandas que o Sindicato busca discutir com as comunidades, e guarda relação com a questão da sustentabilidade através da agroecologia, tema principal das ações do Sasop.

As próximas atividades, previstas para abril, são mini-oficinas desenvolvidas nas comunidades para discussão da cartilha Direitos, lançada pelo programa no ano passado.

A equipe esteve também na comunidade de Boitaraca, em Nilo Peçanha, onde encontrou-se com Aldo Souza, presidente da associação de remanescentes de quilombo. A oficina da comunidade está marcada para 12 de abril. As demandas e sugestões surgidas então servirão de subsídio para os encontros maiores, envolvendo a totalidade das comunidades atendidas pelo Programa.

As atividades no Baixo Sul fazem parte do Projeto “Capacitação e Apoio ao desenvolvimento das Comunidades Negras tradicionais do Brasil”, co-financiado pela União Européia, Christian Aid e EED.

Localização dos Terreiros atendidos

RA I Centro

Ilê Erinlé Axé Odé Ifeolá

RA II Itapagipe

Ilê Axé Airá Omim

Ilê Axé Odé Lomin Infan

Ilê Axé Ogum Ladê Iyá Omim

Ilê Axé Omin Leuá

Ilê Iyá Osshum

Terreiro de Oxum do Caminho de Areia

RA III São Caetano

Ilê Axé Idanjeuê

Ilê Axé Obá Inan

Ilê Axé Opó Ibu Alama

RA IV Liberdade

Ilê Axé Omin Amboke

Ilê Axé Ewá Omin Nirê

Ilê Axé Iroko Sun

Terreiro do Vodunzô

Terreiro Kanzo Mucambo

Terreiro de Oxalá

RA V Brotas

Axé Abassá de Amaze

Centro do Caboclo Oxossi Talami

Centro Matamba de Onato

Ilê Axé Ewé

Ilê Axé Jífulú

Ilê Axé Jualê

Ilê Axé Oluwayê Dey'I

Ilê Axé Oyá Tunjá

Ilê Axé Omin Afonjá Rode

Nzó Mdemboa - Kenã

Ilê Axé Omin Ode Azoani

Terreiro Oxossi Caçador

Terreiro Unzó Awziidi Junçara

Tuumba Junçara

Tuumbalagi Junçara

Unzo Katende Dandalunda

RA VI Barra

Sem Registro no Programa

RA VII Rio Vermelho

Ilê Axé Aché Ibá Ogum

Ilê Axé Alarabidê

Ilê Axé Iyá Nassô Oká

Ilê Axé Obá Nirê

Ilê Axé Obá Tadê Patiti Obá

Ilê Axé Omin Deuá

Ilê Axé Onirê Ojuirê

Ilê Axé Oyó Bomim

Ilê Axé Obá Tony

Ilê Obá do Cobre

Ilê Oxumaré

Tanuri Junsara

Ilê Axé Centro de Angola Mensageiro da Luz

Terreiro do Bogum

RA VIII Pituba

Sem Registro no Programa

RA IX Boca do Rio

Ilê Axé Araka Togum

Ilê Logum Edé Alakaí Koissan

Terreiro Onipó Neto

RA X Itapuã

Axé Abassá de Ogum

Axé Tony Sholayó

Ilê Axé Osun Yinká

Ilê Axé Ominader

Ilê Axé Yeye Jimum

Terreiro Aloia

Terreiro Caboclo Itapuã

Terreiro de Oxum da Lagoa do Abaeté

Viva Deus Neto

Terreiro Viva Deus Bisneto

Ilê Axé Ibá Aqueran

Terreiro Gurebetã Gome Sogboadã

Terreiro Monaleuci Um'Gunzo de

Un'zambi

RA XI Cabula

Ilê Axé Opô Afonjá

Ilê Axé Oyá Deji

Terreiro Sultão das Matas

Unzó Bakisê Sasaganzuá Gongara

Caiango

Viva Deus Filho

Ylê Yá Yalodeidê

RA XII Tancredo Neves

Ilê Axé Gezubum

Ilê Axé Jagun Bomim

Ilê Axé Obá Fangy

Ilê Axé Olufan Anancidê Omin

Ilê Axé Omin Alaxé

Ilê Axé Omin Togun

Ilê Axé Oyá Omin Olorum

Ilê Axé Pondamim Bominfá

Terreiro de Boiadeiro

Terreiro do Bate-Folha

Terreiro Olufonjá

Terreiro São Roque

Terreiro Sete Flechas

Terreiro Tumbenci

RA XIII Pau da Lima

Funzó Iemim

Ilê Omu Keta Posu Beta

RA XIV Cajazeiras

Ilê Axé Layê Lubo

Ilê Axé Omim J'Obá

Ilê Axé Omin Lonan

Ilê Axé Omin Nita

Ilê Axé Onijá

Terreiro Junçara Kondirê

Unzó de Kaiango

Manso Dandalungua Cocuazenza

Manso Dandoqüenque Dunkinisaba Filho

Moitumba Junçara

Ñzo Sassa Ganzuá Mono Guiamaze

Terreiro Vintém de Prata

Ilê Axé Ogum Omimkayê

RA XV Valéria

Ilê Axé de Ogunjá
 Ilê Axé Omim Funkó
 Ilê Axé Olo Omin

RA XVI Subúrbios Ferroviários

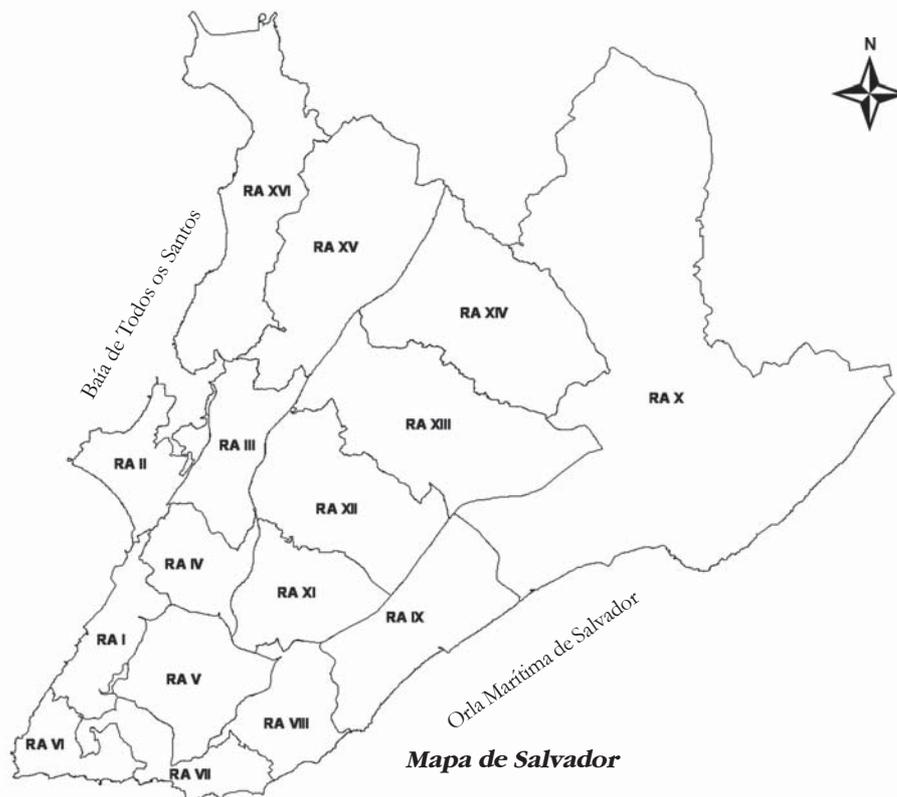
Onzó de Angorô
 Grupo das Sacerdotisas e Sacerdotes do Axé
 Ilê Axé Acorô Genã
 Ilê Axé Loyia
 Ilê Asé Ogum Alakaiyê
 Ilê Axé Anandeuíy
 Ilê Axé Flor da Mirtália
 Ilê Axé Gitolobi
 Ilê Axé Jagun
 Ilê Axé Jfokan
 Ilê Axé Kalé Bokum
 Ilê Axé Obá Omo
 Ilê Axé Odé Tolá
 Ilê Axé Omi Euá
 Ilê Axé Omin Loyá
 Ilê Olorum Axé Giocan
 Luandan Jucia
 Terreiro Caboclo Catimboiá
 Terreiro Gidenirê
 Terreiro Mucundeuá
 Terreiro de Nana
 Ilê Axé Arin Massun
 Ilê Axé Giroqueme

RA XVII Ilhas

Ilê Axé Airá

Região Metropolitana de Salvador

Ilê Asé Maa Asé Ni Odé
 Ilê Axé Gum Tacum Wseré
 Ilê Axé Jesidea
 Ilê Axé Oba Nã
 Ilê Axé Omim Lessy
 Ilê Axé Ondô Nirê
 Ilê Axé Opô Olú-Odé Alayedáá
 Ilê Axé Oyá
 Ilê Axé Odé Obá Lodê
 Ilê Axé Odé G'mim
 Ilê Axé Taoyá Loni

**Mapa de Salvador**

Ilê Axé Dan Seji Olá
 Ilê Axé Bokum
 Ilê Axé Igbonan
 Sindirátukuã Filha
 Terreiro Angurusena Bya Nzambi
 Terreiro de Jauá
 Terreiro Filhos de Ogunjá
 Terreiro Kawizidi Junçara
 Terreiro São Bento
 Tuumbaengongonsara
 Unzó Tateto Lemba
 Ilê Axé Alafumbí
 Ilê Axé Awon Funfun

Outras Cidades

Centro de Candomblé Santa Bárbara (Itabuna)
 Ilê Axé Ijobá Oxumarê-Yewá (Itabuna)
 Ilê Axé Jitolobi (Araci)
 Ilê Axé Kayó Alaketu (Cachoeira)
 Ilê Axé Obá Nijó Omim (Muritiba)
 Terreiro Afoxé dos Orixás (Rio de Contas)

Terreiro de Ilhéus
 Terreiro Matamba Tombeçy (Ilhéus)
 Terreiro de Praia do Forte (Mata de São João)
 Terreiro de São Sebastião (São Sebastião)

Terreiros sem localização registrada no Programa EGBÉ

Ilê Odé Omim Losé
 Ilê Axé Odô Biticô
 Ilê Axé Oiá Igebe
 Terreiro Omim Oiá
 Terreiro Oxossi Mutalamô
 Unzó Katendê Ye Dandalunda
 Unzó Kwa Mpaamzo
 Terreiro Oiyá Deatamba
 Terreiro Kongo Lemba
 Ilê Axé Iroko Sun

OBSERVAÇÃO:
 RA = Região Administrativa

Capacitação e geração de resultados positivos

Nesta edição do Fala Egbé, dedicamos este espaço para as falas das pessoas que participaram ou organizaram o segundo ciclo das oficinas do projeto “Capacitação e Apoio ao desenvolvimento das Comunidades Negras Tradicionais do Brasil”. Voltado para as comunidades de Terreiros de Candomblé em Salvador e comunidades negras litorâneas na região do baixo-sul do estado da Bahia.

O projeto já realizou dois ciclos de capacitação - o primeiro iniciado em abril e o outro em julho de 2007. Até agora mais de 450 pessoas participaram das oficinas do projeto que é Co-financiado pela União Européia, Christian Aid e EED.

Os depoimentos a seguir demonstram que as oficinas, realizadas pelo projeto, não promoveram apenas o aprendizado de artes e ofícios, mas também foram espaços para fortalecimento da auto-estima, derrubada de preconceitos – pela superação da Intolerância Religiosa – e integração, com o fortalecimento das relações dentro e entre as Casas.

Foram momentos de debate sobre as histórias de vida de cada um, descobertas de histórias em comum e construção de um olhar conjunto sobre a comunidade.

Além disso, com o desenvolvimento das oficinas de direito ao meio ambiente foram geradas reflexões e pequenas “agendas 21” locais, de ações possíveis para uma atuação ambiental a partir de cada Terreiro.

Importante observar a recorrente confirmação do ‘ser solidário’, característica inerente às comunidades de Candomblé, ao lutar pela continuidade das ações propostas pelo projeto, na medida em que se fortalece pela necessidade do seu entorno. As Casas ganham reforço na sua posição de referência comunitária.

VENCENDO A RESISTÊNCIA



Mãe Helenice, Ilê Axé Omin J'Obá

Foi muito bom, principalmente para as crianças da comunidade, que não têm alternativa nenhuma. Faz a maior pena! Elas agora vivem cobrando: “Quando é que vai ter mais aula?” As mães não queriam deixar elas participarem, mas elas fugiam, participavam, tomavam o lanche e corriam de volta para casa.



Erivaldo (Nem), Ogã do Ilê Axé Omin J'Obá

Eu estava coordenando junto com minha mãe as oficinas de Percussão e Danças dos Orixás. O resultado alcançado foi o acolhimento da comunidade porque muitos ti-

nham o receio de entrar. Saiu aquela integração. Quando a gente começou foram mais de oitenta crianças a aparecerem. A gente sentava com as crianças para explicar o porquê de aprender toque de Candomblé, e que eles não precisariam necessariamente ser de Candomblé. Foi aí que aconteceu a descoberta de vários alabês na comunidade. Hoje a gente tem um grupo de crianças que ajuda o Candomblé que toca ou que canta e com isso surgiu o intercâmbio de alabês de outras casas quero dizer outras nações [angola e Ketu].

INTEGRAÇÃO DA COMUNIDADE



Mãe Marlene, Vintém de Prata.

As atividades foram entalhe de madeira, ponto de cruz, curso de corte costura e reciclagem.

Para dentro da Casa as atividades foram muito importantes, porque possibilitaram a reintegração dos nossos próprios filhos.

E, para fora, foi um prazer poder retornar às atividades, pois a comunidade volta a procurar o Terreiro como uma referência forte.

Os resultados foram muito bons, principalmente em relação ao ponto de cruz. A gente recebeu muita criança, tinha criança de até oito anos.



Ekede Geogina, Coordenadora das oficinas de bordado (bainha aberta) no Ilê Axé Taoyá Loni.

Para mim foi muito bom e muito importante, pois através da oficina conseguimos levar a comunidade até o Terreiro. Isso foi muito importante porque até hoje a comunidade procura o Terreiro para saber se tem alguma oficina em vista, e, com essa procura, estamos trabalhando na idéia de elaborar outra oficina, mesmo sem custo, que é para manter a integração da comunidade, que sempre foi nosso objetivo.

RESGATANDO CONHECIMENTOS TRADICIONAIS



Ekede Sinha, Casa Branca

O que está sendo feito ou planejado pela Casa para manter ou ampliar os resultados alcançados é a busca de recursos para que possamos continuar com o curso de

costura e ampliar os cursos que é um outro sonho: um curso de informática para criança e um curso de língua yorubá para os jovens. A gente precisa também resgatar essa coisa que está se perdendo. Não importa a nação, a gente tem que estar junto, um ensinando o que sabe ao outro.

RESULTADOS NA VIDA PRÁTICA

Em outro momento eu fazia distribuição de alimentos, o que era muito importante, mas agora, a minha realização foi ouvir, depois das oficinas: "Oh! D. Marlene, eu ganhei dinheiro porque fiz tantas toalhas". Nós agora estamos ensinando as pessoas a ganharem dinheiro para comprar seu alimento.

Eu tive muita resistência com o pessoal em relação ao material de reciclagem e aí a gente

te está colocando outros materiais, não a garrafa pet, mas alguns outros para ver se a gente amplia essa coisa de proteger a natureza, transformando o nosso lixo em coisas bonitas.

Mãe Marlene, Vintém de Prata.

Eu estou achando excelente. Tem muita utilidade para mim porque eu posso até ganhar um dinheirinho em cima disso. [Respondendo a pergunta sobre o que estava achando do curso de bordado].

Rita, aluna do curso de bordado do Manso Dandalungua Cocuanzenza.

Eu estou achando excelente, principalmente porque eu vou trabalhar com isso, fazer, vender.

Luzia, aluna do curso de bordado do Manso Dandalungua Cocuanzenza.



Encerramento da Oficina de Direito ao Meio Ambiente no Terreiro de Jauá

Ilê Axé Ibiri Omin Airá – Terreiro Vintém de Prata

**Lúcio André Conceição*

O Ilê Axé Ibiri Omin Airá ou Terreiro Vintém de Prata, como é mais conhecido, foi fundado em 18 de maio de 1987, pela Iyalorixá Marlene Rodrigues da Silva, filha de dona Belanísia Rodrigues da Silva que foi iniciada por Carmosina do Terreiro de Ogum, localizado no bairro de Santa Rita. Iyá Marlene teve seu primeiro contato com o candomblé aos doze anos de idade. Coube a sua tia, Dalva de Oxum, acompanhá-la em seu aprendizado religioso, interrompido ao completar a maioria e iniciar seus estudos na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no curso de matemática. Foi ainda na universidade que Iyá Marlene, nessa época com 22 anos, ingressou no serviço público, no Ministério da Fazenda.

O aprendizado do culto foi retomado não mais com Mãe Dalva que alegou problemas de saúde para continuar. O chamado dos orixás na vida da Iyá Marlene lhe trazia sofrimentos até ela encontrar o Ilê Axé Oxumarê, na época sob direção da Iyá Nilzete de Iemanjá. Esta deu continuidade aos seus ensinamentos, porém dois anos depois de chegar a Roça, Iyá Nilzete veio a falecer. Em seu lugar assumiu Babá Silvanilton de Oxumarê.

Os percalços em sua trajetória iniciática não impediram Iyá Marlene de cumprir sua missão junto aos orixás. Suas atividades começaram, inicialmente, no bairro de Acupe de Brotas, em sua própria residência. Mesmo antes de findar seu primeiro ano de funcionamento, já acolhia uma dezena de pessoas que iam à procura de seus serviços.

O lugar em Acupe era muito pequeno, além de não possuir barracão, ou mesmo área verde. Após três anos de trabalhos, com o aumento do volume de pessoas circulando naquele local, a necessidade de buscar um espaço mais amplo foi crescendo.

Em janeiro de 1990, a Iyá Marlene comprou um sítio na Estrada Velha do Aeroporto, km 10,5 e para lá transferiu o Candomblé. Um lugar muito agradá-

vel, rico em vegetação, bem arborizado, bastante amplo e, portanto com as condições propícias para construir a estrutura física da Roça. Assim começou o trabalho com a construção dos quartos dos santos: Exu, depois Ogum e a dos Eguns; viriam depois os quartos de Oxossi e Nanã.

Por muito tempo e em função das dificuldades financeiras ficamos sem construir o barracão. As festas e iniciações que aconteceram nesse período eram realizadas em Barracões de palha de coqueiro que montávamos perto das celebrações.

O VINTÉM DE PRATA E A COMUNIDADE

A ausência do Barracão não impediu a Roça, estabelecer vínculos e desenvolver diversos trabalhos com a comunidade. No primeiro momento éramos procurados no Vintém para orientações na área de saúde: chás, ervas e outras prescrições apreendidas, por Iyá Marlene, de seus antigos, ou do Caboclo Ubirataia quando realizava suas sessões.

Esse laço de confiabilidade se expandiu com os adolescentes do local a procura de livros para trabalhos escolares e reforços de matemática. Foi quando orientamos três jovens da região para seleção do concurso da polícia militar que vieram a obter êxito. Não obstante a roça sempre teve, entre seus filhos e filhas, várias pessoas da área de educação e de diversas áreas; o que abria mais possibilidades de aproximação para fins de estudos.

A falta de perspectiva para os jovens da comunidade era algo muito forte. A distância dos centros urbanos dificultava a busca de alternativas para estudo e/ou engajamento em movimentos e organizações sociais. O grupo de jovens da Comunidade Santo Agostinho, vinculada a Paróquia Santa Mônica, era a única referência de organização e aglutinação deste público, porém não desenvolvia trabalhos sociais na comunidade, apenas a catequese.

Em 2001, os laços estabelecidos com os jovens, nos possibilitaram iniciarmos um trabalho de coleta seletiva de lixo na comunidade. Armazenamos grande quantidade de material não perecível na Roça, porém não encontramos uma alternativa para encaminhar este material.

Ainda com os jovens encontramos várias nascentes de rios em diversos trechos da Estrada Velha do Aeroporto onde ainda existia resquícios de Mata Atlântica secundários. Iniciamos uma mobilização envolvendo, inclusive, moradores na Rua Mucambo (próximo ao bairro de Nova Brasília), no sentido de impedir construções imobiliárias por conta do risco de afetarem aquelas nascentes. No entanto, as obras foram autorizadas pelo CRA, frustrando nosso desejo de intervenção.

Neste mesmo ano de 2001, estabelecemos parceria com o CEAFFRO, que vinha oferecendo cursos profissionalizantes para adolescentes. Encaminhamos vários da comunidade e de áreas adjacentes. Em 2002, realizamos um almoço beneficente para arrecadar fundos para Roça. Dentre as várias atrações tivemos a exibição de uma peça teatral com o tema “A relação política com a sociedade”, organizada por jovens da Roça. Esses mesmos jovens realizaram uma performance sobre a vida de Mãe Zumira, em seus 96 anos, Mameto do Manso Dandalungua Cocuazenza. Em dezembro deste mesmo ano, realizamos um evento para marcar a semana do 20 de novembro. Nessa atividade aconteceram brincadeiras infantis e a inauguração da biblioteca da Roça, quando tivemos exibição filmes e a presença do cineasta Póla Ribeiro (atualmente diretor do IRDEB).

O Vintém garantiu participação nas mobilizações que ocorreram na cidade de Salvador em torno do combate a Intolerância Religiosa. Dentre as várias participações vale registrar o ingresso na caravana que foi ao Congresso Nacional organizada pelo Deputado Federal Luis Alberto.

** Axogun do Vintém de Prata*

Almoço de Trabalho e Fraternidade



Mão Helenice em oração inicial

Com a oração de abertura a cargo de Mãe Helenice, do Ilê Axé Omin Jobá, e ao som dos atabaques dos alunos da oficina de toque realizada em seu Terreiro. Assim teve início a última reunião de 2007 dos Terreiros de Candomblé atendidos pelo programa Egbé Territórios Negros.

A exemplo da reunião realizada em agosto, esta também contou com o trabalho e arte produzidos nas oficinas promovidas pelo projeto “Capacitação e apoio ao desenvolvimento de comunidades negras tradicionais no Brasil”. Várias peças criadas nas oficinas foram expostas, bordado, costuras e entalhes em madeira. Os monitores das oficinas foram homenageados recebendo um certificado de KOINONIA. Esse projeto é um co-financiamento da União Européia, EED e Christian Aid.

NÃO HÁ DESENVOLVIMENTO SEM LIBERDADE RELIGIOSA

O pastor Djalma Torres, da Igreja Batista de Nazareth, membro do Conselho Inter-religioso do programa Egbé, fez um oração pedindo pela completa supe-

ração da intolerância religiosa - um clamor que ganhou especial atenção naque-



Pastor Djalma Torres em oração pela superação da Intolerância Religiosa

le momento, em que se comemorava a Semana Consciência Negra.

Logo após o almoço, os participantes foram convidados a debater o tema “Desenvolvimento”, reunidos em pequenos grupos. As reflexões de cada grupo foram apresentadas à plenária posteriormente, oferecendo um quadro bastante rico de conceitos sobre o tema.

Praticamente todos os presentes concordaram que há espaço para o Candomblé num mundo desenvolvido, uma vez que a religião preza pela igualdade e pelo respeito ao diferente, condições fundamentais para o alcançar o desenvolvimento.

Mais de 120 pessoas compareceram ao Almoço de Trabalho e Confraternização, em que foi lançada a nova edição do informativo Fala Egbé.

A oração de encerramento, feita ao som dos atabaques, foi coordenada por Luciano, do Manso Dandalungua Cocuazenza.



Cânticos e toques de atabaques na oração de encerramento, pelo Manso Dandalungua Cocuazenza.

Lista dos Terreiros Presentes no Encontro do dia 24 de novembro de 2007

(em negrito, os terreiros que compareceram pela primeira vez)

Axé Abassá de Ogum	Ilê Axé Ojuirê	Terreiro de Oxum (Caminho de Areia)
Casa Branca	Ilê Axé Olufan Anancidê Omin	Terreiro dos Filhos de Kambaranguaje
Centro Espírita Caboclo Itapoá	Ilê Axé Omin Dólar	Terreiro Guizo Mutalambô Junçara
Ila Jibemie	Ilê Axé Omin Funkó	Terreiro Gurebetã Gome Sogboadã
Ilê Asé Oyá Alafumbí	Ilê Axé Omin J'Obá	Terreiro Ilê Axé Ibá Lugan
Ilê Axé Abacá de Amaze	Ilê Axé Omin Landê	Terreiro Junçara Kondirê
Ilê Axé Alarabidê	Ilê Axé Omin Landê	Terreiro Kawizidi Junçara
Ilê Axé Araka Togun	Ilê Axé Omin Lonan	Terreiro Moitumbá Junçara
Ilê Axé Ayrá (Ilha de Mar Grande)	Ilê Axé Omin Nijá	Terreiro Mucundeuá
Ilê Axé Ewé	Ilê Axé Omindê	Terreiro Mutalemim
Ilê Axé Gezubum	Ilê Axé Oxossi Talami	Terreiro Olufanjá
Ilê Axé Giroqueme	Ilê Axé Oyá Tolá	Terreiro Oxossi Talami
Ilê Axé Jagun Bomin	Ilê Axé Taoyá L'oni	Terreiro Oyá Matambá
Ilê Axé Jagun Bomin	Ilê Axé Tobomin	Terreiro Pena Branca
Ilê Axé Jfokan	Ilê Yá Yalodeidê	Terreiro Tuumba Junçara
Ilê Axé Jifulú	Ilê Yíá Osshum	Terreiro Tuumbaengongo Sara
Ilê Axé Jitolobi	Kanzuá Monaleucí Un'Guinzo D'Unzambi	Terreiro Vintém de Prata
Ilê Axé Loyá	Manso Dandalungua Cocuazenza	Terreiro Viva Deus Bisneto
Ilê Axé Oba Tony	Ñzo Sassaganzuá Mono Guiamaze	Terreiro Viva Deus Filho
Ilê Axé Odé Tolá	Omin Nitá	Unzó Awiizidi Junçara
	Terreiro Caboclo Catimboiá	

APOIO



Este informativo é produzido pelo Programa Egbé – Territórios Negros de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviços. Dirigido às comunidades negras urbanas de Candomblé e às redes de solidariedade civil e ecumênica.

EDITORIA: Jussara Rêgo e Rafael Soares de Oliveira

REDAÇÃO DE ATIVIDADES: Jussara Rêgo, Lucimar Novaes, Elga Lessa. Mara Vanessa Dutra e Manoela Vianna.

SECRETÁRIO EXECUTIVO DE KOINONIA:

Rafael Soares de Oliveira

REVISÃO: Helena Costa e Manoela Vianna

PROJETO GRÁFICO: Martha Braga

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA E IMPRESSÃO: Fast Design

FOTOS: Arquivo de Koinonia

E-mail: falaegbe@koinonia.org.br

ISSN: 1981-7568



KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Tel (21) 2224-6713
Fax (21) 2221-3016
koinonia@koinonia.org.br
www.koinonia.org.br



PROGRAMA EGBÉ TN
Travessa d' Ajuda, nº 37. Edf.
Martins Catharino, sala 1203 - Centro.
CEP: 40020-030. Salvador - Bahia
Tel.: (71) 3266-3480
projetoegbesalvador@koinonia.org.br